

Benicio del Toro
brilha em 'O
Esquema Fenício'

PÁGINA 4



Espectáculo
inclusivo abre o
Presença Festival

PÁGINA 6



Rogério Reis
volta seu olhar ao
carnaval de rua

PÁGINA 8



2º CADERNO

A capital mundial do livro fala português

Em entrevista ao **Correio**, o secretário municipal de Cultura, Lucas Padilha, elenca as ações da Prefeitura para fomentar o hábito da leitura na cidade

Por **Affonso Nunes**

De 13 a 22 de junho o Rio recebe mais uma edição da Bienal do Livro. Seria mais uma, mas... Desde o dia 23 de abril, a Unesco indicou a cidade como Capital Mundial do Livro. É a primeira vez que uma cidade de um país de língua portuguesa recebe essa distinção. Mas não se trata apenas de uma homenagem. Cabe às cidades escolhidas apresentar um programa de atividades culturais inclusivas e sustentáveis, com impacto duradouro no setor editorial e no hábito de leitura da população.

Além da Bienal, a cidade sediará pela primeira uma edição do Prêmio Jabuti. O Rio receberá a Caixa Literária, acervo composto por obras clássicas e contemporâneas selecionadas por Portugal e outros Estados-Membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste.

O calendário de eventos contempla ainda atividades em bibliotecas municipais, exposições em museus, cafés literários, saraus, ações em livrarias e feiras literárias e intervenções culturais nos principais terminais de transporte público da cidade.

Sob a articulação da Secretaria Municipal de Cultura, foram colocados na rua quatro editais, com orçamento total de R\$ 5,14 milhões, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc, para projetos como produção de feiras literárias, promoção e capacitação de escritores cariocas e ações voltadas à difusão da literatura brasileira e promoção de autores cariocas.

São eles o edital Feiras Literárias, com R\$ milhão em recursos, para apoiar projetos de incentivo à leitura e de valorização da literatura e da escrita, através da seleção de Feiras Literárias.

Com R\$ 600 mil de recursos, o objetivo do edital Rio de Escritores vai capacitar 70 escritores cariocas para publicação de obras literárias.

O edital Viva O Talento – Edição Rio Capital Mundial do Livro vai apoiar projetos que promovam ações literárias, bus-

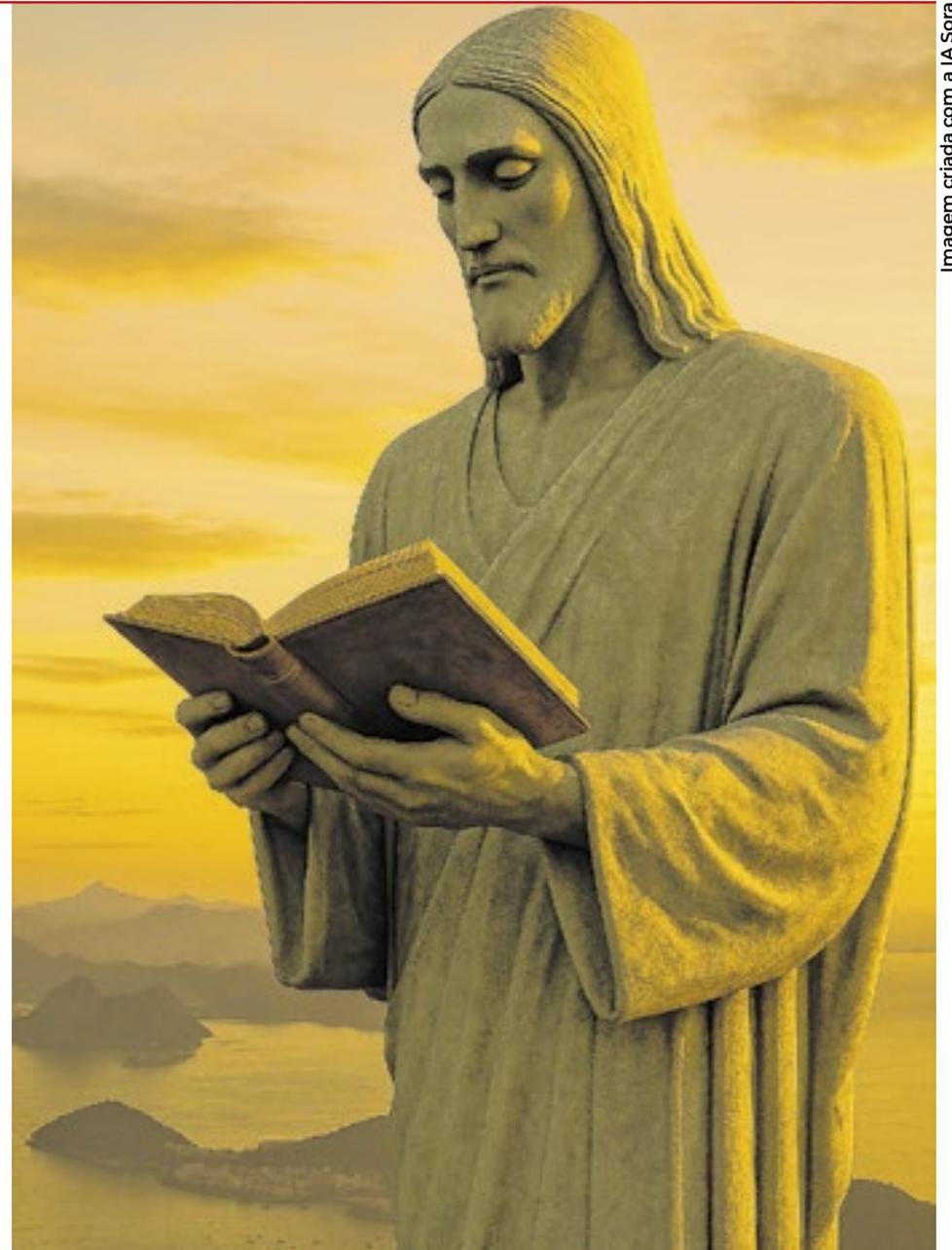


Imagem criada com a IA Sora

cando a ocupação de espaços públicos com atividades culturais dinâmicas voltadas à difusão da literatura brasileira e promoção dos autores cariocas. os recursos deste programa chegam a R\$ 700 mil. E o maior deles, com investimento total de R\$ 2,84 milhões, pretende promover ações literárias contemplando 21 projetos.

Quis o destino que o responsável por essas ações de fomento à leitura fosse um leitor

voraz. Nas páginas seguintes, o secretário Lucas Padilha fala de alguns desses projetos. Advogado, gestor público e mestrando em antropologia, Padilha já ocupou a Coordenadoria de Relações Internacionais da Prefeitura e as secretarias municipais como Meio Ambiente e Casa Civil. Ele também discorre sobre sua formação como leitor e o papel do livro na sociedade.

Continua nas páginas seguintes

ENTREVISTA / LUCAS PADILHA, SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA

‘Queremos fomentar a cultura de forma qualificada, especialmente a literatura’

Eu queria que o você falasse um pouco de como chegou a essa relação tão próxima, tão querida com o livro. O que lê?

Lucas Padilha - Eu tenho muitas dúvidas sobre o que eu sou. Se eu sou advogado, gestor público, antropólogo, se sou político... Mas tenho uma certeza: sou leitor. E a identidade do leitor não está relacionada a um gênero literário ou a um tipo de escritor ou gênero. O leitor é a pessoa que sente — e sabe — que tem um poder especial, ainda mais hoje em dia, de criar um tempo para ser humano.

É um hábito importante...

Eu recomendo a leitura para a saúde mental de qualquer pessoa, de qualquer idade, de qualquer grupo social, vindo de qualquer classe, de qualquer identidade. O livro estimula a cultura da identificação. Não só da identidade. Reforça aquilo que é próprio, singular, as culturas. A literatura brasileira é brasileira por causa disso. A literatura afrocentrada é antirracista por causa disso. Mas, acima de tudo, a leitura não reforça só a identidade, reforça a identificação. E é a leitura, o livro, o mínimo denominador comum de todas as artes, que faz com que a gente se conecte com coisas importantes e inúteis. O livro é o objeto mais inútil da história da humanidade. Mas, se ele não fosse importante, Deus não teria escolhido ele em quase todas as religiões monoteístas. Os deuses todos da humanidade não teriam escolhido a palavra, inclusive oral, como literatura.

Inclusive porque livro é uma coisa e literatura é outra. Mas o livro é inútil?

O livro é de uma inutilidade incrível (risos). Ocupa espaço, custa dinheiro... você precisa comprar e saber o que quer. Mas existe uma certa salvação no livro, individual e coletiva ao mesmo tempo. Quando a gente diz “a educação vai salvar o país”, acho que as pessoas falam de livro. Não só de professor, de escola... falam de livro.

Os autodidatas se valem deles...

A Conceição Evaristo é esse símbolo importante, essa pessoa criativa e genial que faz tão bem a tanta gente. Ela é fruto dos livros — dela mesma e dos outros. Ela é mais leitora do que professora. E mais escritora do que professora. Nada contra nenhum professor. A cultura do livro sem professor não existe. Um evento como a Bial é importante porque tem os professores. São as pessoas que apresentam o livro. Livro é como gente: precisa ser apresentado. Ninguém conhece um livro se não for apresentado.

E quem te apresentou ao livro?

Primeiro foram os meus pais. Meus pais são médicos, eu cresci em Londrina, no Paraná, e eles sempre me deram livros que não tinham nada a ver com o que eu estava fazendo na escola. Foi a genialidade deles. Então, eu tinha seis anos de idade e uma obsessão por jogos eletrônicos de Idade Média. Eu não sei por quê. Eu achava a Idade Média muito fabulosa, eu não sabia se existia dragão ou não, entende? Para mim, a França era um lugar que tinha dragão. A fantasia que eu tinha — em que todos os personagens se misturavam — foi organizada dentro de mim, como repertório, com uma série da editora Ática: como seria a sua vida na Grécia”, no Egito, na Mesopotâmia... Uma série de livros que explicam como seria a sua vida em uma civilização. Aquilo, para mim, era tão delicioso quanto assistir Power Rangers, brincar com os amigos na rua ou ir ao shopping assistir a um filme. Aquilo, quando eu tinha seis, sete anos de idade, já era uma coisa presente na minha vida.

Não passou por livros de temática infantil?

Não. Foram esses livros de não-ficção, desse “Como seria a sua vida...” Aí eu comecei a me formar antropólogo antes de saber que era isso. Antes de saber ler um livro, eu

tinha um livro cheio de coisas escritas com fotos que falavam: “vaso grego, usado para guardar vinho, para guardar azeite”. Eu tinha um fascínio por aquilo. Eu lia esses livros todos como alguém que tinha que aprender como seria a minha vida se eu tivesse nascido em outro lugar do mundo, em outra época. Eu não tinha consciência do que era a Grécia Antiga, mas eu sabia que aquele vaso era diferente e interessante. Até porque vivia numa cidade sem um museu de história universal. Londrina não é Londres, não tem um British Museum. O Brasil não tem. O que tinha, pegou fogo. Eu nunca vi múmia. Eu vi múmia fora do Brasil. Mas eu li a múmia. Então, de certa forma, eu comecei a me civilizar. O livro me civilizou antes de tudo.

E depois?

Depois eu fui para Harry Potter. Vivi aquele fenômeno de frenesi literário e desejo quase sexual pelo livro. As pessoas faziam filas na porta da livraria para o lançamento. Eu me lembro do livro do “Enigma do Príncipe”, que foi o primeiro que comprei no dia do lançamento. Eu corri para a livraria com R\$ 50 na mão. Eu devia ter uns 10, 12 anos. Corri, abandonei meus pais. Eu devo ter agredido umas cinco crianças, involuntariamente. Eu peguei o livro. E estava todo mundo pegando o livro. O livro ia acabar.

Eu peguei dois. E eu comprei dois. O meu desejo de ler era tão grande que eu não queria comprar um só.

E nada de literatura brasileira?

Nada. Eu fui conhecer literatura brasileira depois. Porque na escola a literatura brasileira, por muito tempo, foi apresentada como uma sessão de tortura. E como eu era um aluno levemente indisciplinado — bom aluno, mas levemente indisciplinado: tirava 10 em tudo de Humanidades e sobrevivia ao resto. História e Geografia. Eu tinha obsessão. Hoje em dia chamam de hiperfoco. Na minha época ainda era obsessão.

Português, não?

Não suportava. Português e literatura. Gramática. Era História e Geografia. E a gente aprende português lendo, né? Mas eu me lembro claramente: meu professor de gramática no colégio foi o Evanildo Bechara (falecido no último dia 22). Tive aula com o Bechara porque lia a gramática dele durante as aulas. Não seguia o material didático no colégio, eu estudava pela gramática do Bechara. Porque tinha exemplos encantadores, de literatura. Mas a pessoa que mais me formou foi uma professora de literatura do colégio, a Ana Sandra. Ela falou: “Lucas, você é um leitor. Você gosta

Marlon Soares/Divulgação



de ler. Só não gosta de ler resumo de literatura. Você não lê para estudar. Você quer ler?” Eu falei: “Quero.” Então ela me mandou ler “Noites Brancas”, de Dostoiévski. Comprei a edição de bolso numa banca de jornal por uns 15 reais. A partir daquele momento, dia sim, dia não, religiosamente, eu ia a uma livraria e comprava um livro de bolso para ler em um ou dois dias. Eu voltava e comprava outro, e assim por diante.

O que mais você leu nessa época?

Lembro-me claramente de “Fausto”, de Goethe, um livro que me desfez por inteiro. Como pude, com a minha mentalidade religiosa tão pequena, não compreender Mefistófelis? Você se fascina pelo bem e pelo mal de um jeito tão romântico. O trecho da Noite das Bruxas é um canto. Aquilo muda o nível de um ser humano. Outra coisa que muda o nível de um ser humano é Bukowski. Eu lia muito Bukowski, me intoxicava com um Bukowski que é absolutamente violento e sujo. Eu amava aquilo. Eu lia, por exemplo, Flaubert e Bukowski; Machado de Assis e Olavo Bilac. Não tinha curadoria para nada, e acho que até hoje sou um leitor assim.

Se tornou um leitor voraz...

Hoje, admito que compro muito mais livro do que leio; leio 10% do que compro

e do que ganho, e me orgulho disso. Porque meus livros estão muito bem, eles falam com os outros, não precisam de mim. Aquela música da Mariana Lima com letra do Antônio Cícero — “as coisas não precisam de você” — os livros também não. Meus livros não precisam de mim, mas precisam dos outros. Então, preciso que eles façam companhia aos outros.

Há um livro favorito?

“Cândido”, do Voltaire. É uma obra de ficção científica. Acho que ninguém fala nisso. É o livro mais fabuloso da história. Bota o terremoto de Lisboa no centro da história da humanidade e fala sobre jardinagem. Trata da nossa ingenuidade e vislumbra a modernidade.

E poesia? Você lê?

Meu poeta favorito é o Ferreira Gullar. Ele conseguiu extrapolar o limite da página e da palavra e fez isso sem distorcer a palavra. Escreveu letra de música, era uma figura interessante, faz falta todos os dias. Era o último dos modernistas, da linhagem do Oswald de Andrade. Eu acho que, assim, o Brasil precisa voltar da utopia, precisa voltar urgentemente, é urgente.

Vamos falar um pouco de política cul-

tural da pasta que você ocupa. O Rio tornou-se capital mundial do livro, a primeira cidade de língua portuguesa a receber essa distinção, e estamos às vésperas do Bienal. Qual é o eixo das políticas públicas da cidade nesse contexto?

Queremos fomentar a cultura de forma qualificada, especialmente a literatura, com ciclos e clubes de leitura, mediação literária e roteiros culturais para estimular o turismo. A Bienal vai trazer eventos profissionais, como o Publisher Summit, e o Prêmio Jabuti, para inovar e construir um futuro para a leitura.

Quando se fala da Bienal na mente de muitas pessoas se concebe uma imagem. A que eu concebo é aquele batalhão de crianças que está lá vibrando, indo atrás dos lançamentos, seja o Harry Potter da vez, tem um autor infantil, o Ziraldo. Quando ia na Bienal é um acontecimento, aquilo ali é assim, você vê esperança no país quando você vê essas crianças, o desejo pelo livro, esse desejo que nasce.

Temos uma pesquisa mostra que o público mais ligado à leitura lúdica são as crianças, mas isso diminui com a idade, especialmente após a escola. Elas têm fome de faz de conta e conseguem se desligar do mundo real. O público 50+ é um desastre no Brasil. Então o

futuro do aumento dos níveis de leitura passa por eles. O futuro também está no idoso.

Fale um pouco do Rio de Livros, esse projeto que disponibiliza livros nas estações do BRT que as pessoas pegam para ler e devolvem (ou devolvem outro livro), fazendo que essas obras circulem. Houve uma tentativa anterior, que não deu muito certo. O que foi aperfeiçoado nesta nova versão?

Criamos uma estratégia para cada modal, focando no BRT como ponto cultural. O tempo do deslocamento é oportunidade para difusão cultural, incluindo audiolivros e intervenções poéticas. Vamos fazer editais e ações com editores e escritores para conectar pontos, fazendo o livro andar pela cidade e criar uma cultura de troca. Queremos estender para outros modais e até o Galeão, com livros em várias línguas.

Você falou em editais e há um outro edital em curso para estimular novos autores...

Estimular a criação literária é fundamental, pois literatura é pertencimento. Queremos que novos autores periféricos também sejam os clássicos do amanhã, valorizando histórias e nomes importantes da diversidade cultural do Rio, como os Irmãos Rebouças e Pixinguinha.

Como você vê o desaparecimento gradual das livrarias?

Incluimos as livrarias na estratégia de fomento através do ISS, pela primeira vez, reconhecendo que são essenciais para formar leitores, mais do que plataformas digitais. Precisamos fomentar as livrarias físicas, unir editoras, livrarias e bibliotecas comunitárias para fortalecer essa rede cultural. A gente precisa também ter uma biblioteca de referência na cidade.

Como seria essa biblioteca?

Uma biblioteca hoje que alimente as outras com um acervo tanto física quanto digital. Um lugar de culto ao livro, que tenha livro, teatro e também tenha comida.

Como se mensuram os resultados de todas essas ações?

Estamos fazendo estudos com a Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato Nacional dos Editores e Livreiros para mapear bibliotecas comunitárias e pontos de leitura, buscando dados sobre impacto e acesso. Nossos editais atuais têm resultado expressivo, com maior participação de mulheres, negros, indígenas e estudantes universitários. Ou seja, temos avanços.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Associado faz tempo a um projeto de Oliver Stone (chamado “White Lies”) nunca no ponto pra ser rodado, Benicio Del Toro tem parcerias de peso confirmadas em seu caminho este ano, com destaque para o primeiro longa-metragem do ator Jamie Foxx no posto de cineasta: “O Jogo da Rivalidade” (“All-Star Weekend”). A estreia está prevista para o segundo semestre. Na mesma época, em setembro, o ator porto-riquenho de 58 anos dividirá as telas com Leonardo DiCaprio no esperado “Uma Batalha Após A Outra” (“One Battle After Another”), do cultuado diretor Paul Thomas Anderson. Neste fim de semana, entra em circuito nacional a primeira das várias empreitadas autorais às quais o astro está associado: “O Esquema Fenício” (“The Phoenician Scheme”).

Indicada à Palma de Ouro do Festival de Cannes, essa hilariante aventura marca um reencontro de Benicio com Wes Anderson, um dos cineastas mais festejados da atualidade, com quem trabalhou em “A Crônica Francesa”, em 2021. Wes atualmente é objeto de uma exposição na Cinemateca de Paris. “Não penso muito sobre o meu legado. Num filme como ‘O Esquema...’, conversei muito com Wes, mas as respostas estão todas no roteiro dele”, disse Del Toro em Cannes, onde o filme mobilizou holofotes em parte pelo zalarho que Bill Murray (um dos atores fetiches de Wes) tocou na Croisette, com seu jeito abilolado.

Benicio também foi na onda do colega, esbanjando humor numa coletiva de imprensa em que o Wes explicou ao Correio da Manhã a suntuosidade visual de uma trama sobre os infortúnios no caminho do empresário Zsa-Zsa Korda. “É um papel suculento, por estar cheio de contradições que encontro já formuladas no script”, disse Del Toro ao falar de seu personagem, emblemático na fauna de gente excêntrica que Wes filma desde “Três É Demais” (“Rushmore”, 1998),



Benicio del Toro com Mia Threapleton em ‘O Esquema Fenício’, de Wes Anderson, longa que concorreu à Palma de Ouro do Festival de Cannes deste ano

O Esquema Benicio

Aos 58 anos, o ator porto-riquenho, na ativa desde 1987, vive um empresário abilolado numa aventura de tintas cômicas que rendeu uma indicação à Palma de Cannes para o realizador Wes Anderson

com Murray.

Na explicação que deu ao Correio, o realizador texano destacou a colaboração com a oscarizada figurinista Milena Canonero. “Tem pelo menos uns 23 anos que trabalho junto com ela, que tinha as melhores credenciais. Quando vou jantar com a equipe, não posso levar toda a gente para a mesa. Aí, ela me aparece na janta sempre, todas as noites, e chega cercada pelos

onze profissionais que trabalham consigo. Ela força essa turma a trabalhar por horas e horas sem parar. A Milena é assim”.

Esse jeitinho peculiar da designer de moda assegura elegância ao vestuário de “O Esquema Fenício” ao narrar o périplo de Zsa Zsa (um grosseirão nato) para forjar laços de afeto com a filha, a freira Liesl (Mia Threapleton), enquanto guerreia contra o irmão que odeia, Nubar

(Benedict Cumberbatch), e combate espionagem industrial. Toda hora alguém tenta mata-lo, o que o leva a carregar granadas consigo.

“Benicio é o centro do filme, um ímã”, disse Wes na Croisette, de onde “O Esquema Fenício” saiu cravejado de elogios.

Integrante do universo Marvel, nas telonas e na Disney + no papel do Colecionador, Benicio foi tentar a sorte na indústria americana

em 1987, na série “Miami Vice”, mas demorou a receber papéis em cults como “Os Suspeitos” (1995) e “Basquiat” (1996). Em 2001, ganhou o Urso de Prata da Berlinale por sua interpretação em “Traffic”, sucesso que lhe rendeu o Oscar de Ator Coadjuvante. Em 2008, foi a vez de Cannes reverenciá-lo com a láurea de Melhor Atuação por “Che”, dada com unanimidade por um júri chefiado por Sean Penn.

“O maior desafio nesse trabalho não passava apenas por questões políticas, mas pelo esforço de mostrar a humanidade de um ícone”, disse Del Toro ao Correio à época num papo que voltou a retomar em 2021, quando participou de “Nenhum Passo Em Falso”, exibido no Festival de Tribeca.

Foi seu trabalho de maior prestígio nos últimos anos, ao lado de um elenco estelar (Don Cheadle, Ray Liotta, Brandon Fraser), sob a direção de seu recorrente parceiro de set, Steven Soderberg, centrado numa trama de assalto, na Detroit dos anos 1950.

“Falava-se muito de ‘O Grande Golpe’, de Kubrick, nas filmagens por estarmos em um ambiente criminal dos anos 1950 e de gangsters”, disse Benicio via zoom ao Correio. “É um elenco enorme onde todos combinamos nossas habilidades e talentos. Esse é o tipo de cinema que me instiga: aquele que combina talentos e paixões”.

Em 2008, Benicio veio ao Brasil para a exibição de “Che” na Mostra de São Paulo e falou com respeito de seu carinho pelo cinema autoral latino. “Estamos sempre desafiando contradições sociais”, disse, na ocasião.

Em 2010, ele integrou um time de jurados liderado por Tim Burton na escolha da Palma de Ouro de Cannes (entregue, naquela data, ao tailandês Apichatpong Weerathakul) e, em 2018, presidiu o júri da seção Un Certain Regard. Na ocasião, ele explicou: “Ao analisar a violência nas Américas, eu tenho uma crença de que a justiça pode prevalecer quando é respaldada pela lei e pelo desejo de ordem social”, disse Benicio. “Mas não é sempre que isso acontece. A arte é uma forma de buscarmos soluções”.

Universal

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Recuperado de um indício de infarto sofrido logo após a pandemia, Bob Odenkirk retoma no dia 21 de agosto as rédeas do que periga ser uma das injeções de adrenalina mais fortes nas veias do cinema: “Anônimo 2” (“Nobody 2”). Dono de um fã-clube volumoso formado na TV e posteriormente no streaming, por seu desempenho como o advogado bom de lábia Saul Goodman (também conhecido como Jimmy McGill), o ator vem ampliando seu prestígio no cinema em trabalhos capazes de transcender sua persona de Zé Pelintra em “Better Call Saul”, série derivada de “Breaking Bad”.

Brilhou em “Nebraska” (2013), de Alexander Payne. Roubou a cena em “The Post: A Guerra Secreta” (2017), de Spielberg. Agora é a vez de transformar numa potencial franquia o thriller que o colocou em modo Rambo, fazendo frente a muito “Velozes e Furiosos” por aí. Para vê-lo, é preciso recorrer à plataforma Amazon Prime.

Sem espaço em circuito por aqui, essa produção de US\$ 16 milhões, “Anônimo” foi capaz de afirmar a potência popular de Odenkirk com uma receita estimada em US\$ 57,5 milhões. Nela, há a certeza de que o mais patrulhado dos filões ainda tem espaço para se legitimar pelo êxito, um pouco como se viu, também este ano, com “Resgate Implacável”, de David Ayer.

Seu apelo bruto reflete um processo evolucionista de autorregeneração do mercado, ao ser ferido por farpas morais: sempre que o politicamente correto corrói um gênero dramático, este se reestrutura por uma via B, pelo excesso. Foi o que aconteceu com o faroeste em sua transformação em spaghetti, via Itália, com “Por Um Punhado de Dólares” (1964). Sufocado sob a mordada de aparelhos ideológicos, o cinema de ação atravessou os anos 2010 numa mutação similar à que se passou



Bob Odenkirk, de ‘Better Call Saul’ e ‘Breaking Bad’, interpreta um ferrabrás em pele de cordeiro nesta sequência de ‘Anônimo’, longa que faturou US\$ 57,5 milhões em sua estreia em 2021

‘Anônimo’ afirma seu nome

Um ‘John Wick’ em pele de ‘Better Call Saul’, o thriller de 2021 com Bob Odenkirk ganha uma continuação e se notabiliza no streaming

com o western, indo para uma instância de histeria e de taquicardia onde toda sua brutalidade é exponenciada a um limite do irrefreável, o que liberta a representação da violência física de qual-

quer amarra. Isso cria narrativas mais cinemáticas, de bestialidade gráfica. É o que se viu em “John Wick” (2014), uma obra-prima no emprego de todas as cartilhas do thriller que transformou o produtor e dublê David Leitch numa espécie de Midas. Seu modo polidrico de enquadrar uma luta ou um tiroteio – isto é, sua habilidade de retratar uma briga de ângulos diversos – tornou-se uma grife, autoralíssima, que, mesmo indigesta para muitos, singulariza-se por desafiar pudores. O que começou embrionário na franquia com Keanu Reeves estendeu-se para outros projetos, como “Anônimo”. Sua parte II será dirigida por Timo Tjahjanto e tem Sharon Stone como vilã.

Longe do arquétipo do abutre usurário de terninho de Saul, Odenkirk brilha neste ensaio

nietzschiano do diretor russo Ilya Naishuller sobre “o lobo do homem”. Seu personagem, Hutch Mansell, aparenta ser apenas o pacato gerente de uma metalurgia. Mas esse carvão bruto torna-se um diamante do mais alto quilate quando o cansaço de seu dia a dia de invisibilidades esgota sua paciência. Resguardado de seu instinto predatório, talhado ao longo de um passado de fúria, ele escolheu uma casca frágil para esconder toda a ferocidade de um miolo indomável. O desgaste no casamento e na vida com a filha e o filho alimentam ainda mais a vontade de potência de seu devir bandido, adormecido à força de um sonífero cuja química parece vencida. Quando um assalto em sua casa fere a monotonia em que se escudava, ele decide ir atrás dos ladrões e, no meio do caminho,

descarregar tudo o que ficou encausado. Uma vez que Mansell parte pra guerra, a edição de William Yeh e Evan Schiff aposta num fraseado curto, de arranjo sinuoso, onde uma pancadaria em um ônibus é narrada em múltiplos cortes, acelerando seu ritmo sem tirar a compreensão de cada plano.

Tudo fica ainda mais saboroso quando Christopher Lloyd, o Dr. Emmett Brown da franquia “De Volta Para o Futuro” entra em cena, como um ancião que impulsiona Mansell a ser quem de fato é. Quem passar por “Anônimo” com prazer, deve conhecer o filme anterior de seu diretor: “Hardcore: Missão Extrema” (2015).

No segundo filme, já a caminho, Hutch tira férias com seus entes queridos e, na viagem, encara o ataque de uma criminosa (Sharon) que ameaça sua mulher.

Presença Festival 2025 celebra a diversidade com o espetáculo inclusivo 'Movimento de Escuta'



O Teatro Ipanema Rubens Corrêa será palco nesta quinta-feira (29) da abertura do Presença

Festival 2025, que chega a seu quarto ano consecutivo com um compromisso inabalável com a diversidade, equidade e inclusão. Dando o pontapé inicial na programação, a Mostra de Teatro do festival apresenta o espetáculo "Movimento de Escuta", criação da diretora Clara Kutner que reúne cinco bailarinos surdos em cena, oferecendo uma experiência artística impactante.

Na próxima semana o evento tem sequência com uma programação de shows no Circo Voador nos dias 6 e 7 (sexta e sábado) com um line-up voltado a celebrar o Mês do Orgulho LGBTQ+. O line-up tem nomes como Urias, Rico Dalasam, Jaloo, Lia Clark, DJ Valentina Luz, DJ Marta Supernova, DJ Aurora Borealis, DJ Shannon Skarlet, Bumba Meu Boi Brilho de Lucas, entre outras atrações.

Patrocinado pela Shell, o Presença Festival se consolida como um dos projetos de diversidade cultural mais relevantes do Rio de Janeiro. Sua missão valorizar a potência criativa de comunidades como LGBTQIAPN+, mulheres, pessoas pretas, pessoas com deficiência e povos originários, seja nas artes, na cultura ou no empreendedorismo. Com uma programação multiplural, o even-



Cinco atores surdos se expressam em cena no espetáculo criado pela diretora Clara Kutner

Corpos que falam, almas que conectam

to busca dar visibilidade a artistas renomados e novos talentos, reforçando a importância da representatividade.

"Movimento de Escuta", acentua a diretora, não é apenas uma peça de dança. É um convite à reflexão sobre a comunicação e o pertencimento. O espetáculo, que mistura dança (com destaque para o funk e o passinho), poesia em Libras, artes visuais e sonoridades, propõe um mergulho em formas plurais de expressão. Os cinco intérpretes surdos – Alef Felipe,

Lucas Guilherme, Luiz Augusto, Thaís Souza e Thayssa Araújo – utilizam o palco para chamar a atenção para a falta de escuta e a invisibilidade que muitas vezes a sociedade impõe.

Para José Menna Barreto, produtor cultural e diretor artístico do Presença, a escolha de "Movimento de Escuta" para a abertura é um reflexo direto dos valores do evento. "Esta é a segunda vez que trazemos para o Presença Festival uma manifestação teatral inclusiva, com atores que são pessoas

com deficiência e ganham protagonismo e visibilidade no palco", destaca, ressaltando que o foco vai além da acessibilidade, buscando o reconhecimento e a presença real de artistas com deficiência no cenário cultural.

"Não se trata apenas de inclusão: é reconhecimento, é presença real. Nosso compromisso é com uma arte que seja, de fato, para todos — com espaço, visibilidade e respeito", enfatiza.

A Mostra de Teatro do Presença Festival 2025 acontece até

domingo (1), com oito sessões gratuitas. Para garantir a acessibilidade total, as duas sessões deste sábado (31) contarão com recurso de audiodescrição. Além disso, após o espetáculo, haverá um bate-papo com a plateia, momento oportuno para a troca de ideias e aprofundamento das reflexões propostas pela peça.

SERVIÇO

MOSTRA DE TEATRO DO PRESENÇA FESTIVAL

Espectáculo: "Movimento de Escuta"

Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes 824)

29/5 A 1/6, de quinta a sábado* (18h e 20h) e domingo (17h e 19h)

Ingressos gratuitos, com retirada na bilheteria 1h antes de cada sessão.

*As duas sessões de 31/5 contarão com audiodescrição e bate-papo com a plateia após o espetáculo

CRÍTICA / DISCO / UMA ESTRELA PARA DALVA

Por Aquiles Rique Reis*

A cantora e compositora Alaíde Costa acaba de lançar o álbum “Uma Estrela Para Dalva” (Deck), um tributo a Dalva de Oliveira, trabalho que celebra a grande intérprete da MPB. Para tanto, junto com Thiago Marques, Hermínio Bello de Carvalho e Cervantes Sobrinho, selecionou o repertório e grandes nomes da música brasileira para recriar algumas canções imortalizados por Dalva.

Com suas interpretações emocionadas afloradas num momento de maturidade musical e pessoal absolutas, Alaíde Costa, do alto de seus 89 anos, como se não bastasse sua voz límpida, convidou colegas para comungar com ela da paixão por Dalva, fazendo do tributo um marco da discografia brasileira.

La estão: Maria Bethânia em “Ave Maria no Morro” (Herivelto

Martins), ao lado do violonista João Camarero. Roberto Menescal (guitarra) e Yuri Queiroga (programações) que participaram de “Sebastiana da Silva” (Rômulo Paes), que contém citação de “Máscara Negra” (Zé Ketí e Pereira Matos). “Tatuado (Klecius Caldas e Armando Cavalcanti), vem com Zé Manoel (piano elétrico). E “Há um Deus” (Lupicínio Rodrigues), com Vitor Araujo (piano).

Enquanto Amaro Freitas (piano) participou em “El Día Que Me Quieras” (Carlos Gardel e Alfredo Le Pera) e em “Bandeira Branca” (Max Nunes e Laércio Alves). Guinga (violão) diz presente em “Bom Dia” (Herivelto



Divulgação

Um álbum magnífico



Martins e Aldo Cabral). Antonio Adolfo (piano) divide “Errei Sim” (Araulpho Alves) com Alaíde. Cristóvão Bastos (piano) fez o arranjo de “Teus Ciúmes” (Aldo Cabral e Lacy Martins). Já André Mehmari tocou “Fim de Comédia” (Araulpho Alves).

E ainda rola o talento de Filó

Machado (violão) e Léa Freire (flauta) brilhando em “Segundo Andar” (Alvarenga e Ranchinho). E Roberto Sion (piano e saxofone), que recriou “Neste Mesmo Lugar” (Klecius Caldas e Armando Cavalcanti) e “Tudo Acabado” (Oswaldo Martins e J Piedade)”.
Mais Edson Cordeiro (voz) e Gabriel Deodato (violão) em “A Grande Verdade”. Alexandre Vianna que juntou “Segredo” (Herivelto Martins e Marino Pinto) com “Calúnia” (Marino Pinto e Paulo Soledade). Gilson Peranzetta (piano) em “Distância” (Marino Pinto e Mário Rossi). José Miguel Wisnik (piano) renovando “Mentira de Amor”

(Lourival Faissal e Gustavo de Carvalho). E Itamar Assiere (piano) recriando “Estrela do Mar” (Marino Pinto e Paulo Soledade).

Dos 29 álbuns já gravados por Alaíde Costa, este é sem dúvida o mais bem tratado musicalmente. A sonoridade do CD contribui para acrescentar frescor ao repertório clássico de Dalva, dando-lhe ainda mais viço.

Há que se creditar uma parte dessa façanha a Thiago e a Hermínio, profissionais em quem Alaíde se fia. A presença dos dois amigos trouxe a segurança necessária para deixá-la cuidar de sua arte, cada vez mais magnificente. Ouça o álbum em <https://11nk.dev/ug3Qd>.

Ficha técnica

Mixagem: Vitor Farias; masterização: Fábio Roberto; capa: Leandro Arraes; foto: Murilo Alveço.

*Vocalista do MPB4 e escritor

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Sons agrestinos

Revredo e Gabi da Pele Preta se encontram no Espaço BNDES nesta quinta (29), às 19h. Com raízes na música agrestina de Pernambuco, os artistas entrelaçam caminhos, afetos e sonoridades em uma apresentação marcada por sotaque, poesia e justiça social. A frase “quem nunca passou por uma encruzilhada não aprende a escolher os caminhos”, de Nego Bispo, guia a proposta do show, que reafirma a música como território e resistência. Grátis.

Divulgação



Latinidades

O saxofonista e flautista Alexandre Caldi apresenta nesta quinta (29), às 22h30, no Blue Note Rio, um show em formato de quarteto, com foco em sua produção mais recente. No repertório, faixas do álbum “Mestiçaria” e prévias do próximo disco, “Devaneios”. Acompanhado por Antonio Guerra (piano), Zé Luiz Maia (contrabaixo) e Cassius Theperson (bateria), Caldi explora influências latino-americanas e brasileiras.

Castelo Branco/Divulgação



No sambalanço

A cantora Verônica Sabino se apresenta nesta quinta (29), às 19h, no Teatro Rival Petrobras, ao lado do grupo Conexão Rio. Com mais de 40 anos de carreira, Verônica divide o palco com os músicos André Cechinel (piano), Fernando Barroso (baixo), Fernando Clark (guitarra) e Zé Mário (bateria). O repertório passeia por bossa nova, sambalanço e samba-jazz, destacando a união da voz da artista com os arranjos sofisticados da banda.

Divulgação



Pop + blues

Guto Pinaud lança seu primeiro EP, “Entardecer”, nesta quinta (29), às 20h, no Blue Note Rio. Misturando blues, pop e MPB, o show traz faixas autorais como “Estrada” e “Mas Sem Você”, além de releituras “pop blueseadas” de clássicos que vão de Erasmo Carlos a Seu Jorge. Com sua banda, Guto apresenta seu “Pop Blues Brasileiro” com letras poéticas e sonoridade moderna, influenciada por John Mayer e Celso Blues Boy.



Fotos/Rogério Reis

Retratos do invisível

Rogério Reis retoma série icônica sobre o carnaval de rua e apresenta imagens inéditas em exposição na Galeria da Gávea



A mostra marca o retorno de Rogério Reis à série 'Na Lona', mais de duas décadas após ter encerrado o projeto que virou referência na iconografia do carnaval de rua no Rio



Por **Afonso Nunes**

Mais de duas décadas depois de concluir o projeto “Na Lona”, o fotógrafo Rogério Reis retorna ao tema que marcou sua trajetória

artística. A série volta à cena em “Deixa Falar”, exposição com cerca de 70 obras, que entra em cartaz na Galeria da Gávea. Com curadoria de Evandro Salles, a mostra reúne imagens históricas do acervo e fotografias inéditas feitas em março deste ano, além de uma nova série,

“Samba no Pé”, nascida do olhar atento do artista para os rastros dos blocos carnavalescos na cidade.

Produzido entre 1986 e 2003, “Na Lona” documenta foliões anônimos em diversos pontos do Rio de Janeiro. Com uma câmera Hasselblad e uma grande lona es-

tendida no chão, Rogério criou um estúdio improvisado nas ruas, deslocando o foco do espetáculo das escolas de samba para os carnavais espontâneos e populares. O trabalho ganhou livro, filme, exposições no Brasil e no exterior, e consolidou-se como um dos registros mais

expressivos do carnaval carioca.

A retomada veio por acaso. Neste ano, o fotógrafo e embaixador francês Emmanuel Lenain pediu a Rogério ajuda para fazer um ensaio semelhante ao de “Na Lona”. Rogério emprestou o equipamento, deu sugestões, mas resistia a voltar a fotografar. Até que, no segundo dia de folia, foi à Cinelândia encontrar o amigo e se surpreendeu com o que viu. “Muita coisa mudou. As fantasias hoje carregam mais afirmações sociais, menos crítica política. Isso me tocou”, conta.

Com a velha lona de volta às ruas, nasceu um novo conjunto de retratos, 16 deles agora exibidos ao lado das imagens dos anos 1980 e 90, incluindo algumas ampliações originais.

A série “Samba no Pé” surge de outro gesto de observação. Rogério notou, após a passagem de um bloco, como foliões dançavam sobre a espuma deixada pelos garis. Fotografou os movimentos e os rastros no asfalto. “São imagens mais abstratas e simbólicas, em diálogo com os retratos”, define.

O ensaio original nasceu no contexto da agência F4, coletivo criado nos anos 1980 por fotógrafos em busca de autonomia editorial. Ali, Rogério produziu os primeiros retratos da série. Também participou da criação de “Surfistas de Trem”, com Ricardo Azoury. Ambos os projetos refletiam uma tentativa de olhar para personagens urbanos ignorados pelas grandes coberturas da mídia.

Rogério Reis iniciou-se na fotografia no final dos anos 1970, no MAM-RJ. Atuou como fotógrafo e editor no Jornal do Brasil, O Globo e Veja. Seus trabalhos integram acervos como os do MASP, Fogg Art Museum e Bibliothèque Nationale de France. Em junho, apresentará pessoalmente a incorporação de 15 imagens suas à coleção permanente da BnF, como parte do Ano do Brasil na França.

SERVIÇO

DEIXA FALAR

Galeria da Gávea (Rua Marquês de São Vicente, 432)

Até 18/7, de segunda a sexta (11h às 19h) | Entrada franca